

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

A capoeira e suas contribuições no Ensino da história e Cultura afro-brasileira dentro do livro didático.

Geane Lima de Sousa

Graduanda em História pela UFCG. Bolsistas PIBID-História/UFCG.

Maria do Socorro Bezerra de Lima

Graduanda em História pela UFCG. Bolsistas PIBID-História/UFCG.

Introdução: O presente estudo trata-se de uma análise docente do trabalho com os alunos do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Severino Cabral em Campina Grande-PB. Por meio do análise dos textos no livro didático referindo-se a identidade negra atrelada a capoeira não apenas como uma dança artística, mas também como uma resistência na colônia. Por meio da observação do livro didático, o **objetivo** deste artigo é possibilitar aos alunos a construção de uma análise crítica levando o alunado a relacionar a capoeira como uma raiz histórica e cultura das etnias afro-brasileiras **Metodologia:** Para tal foram utilizadas fontes bibliográficas que problematizam a relação entre a capoeira no período colonial e a construção de uma identidade africana. O livro didático História Global de Gilberto Cotrim, a identidade cultural na pós-Modernidade de Stuart Hall e Racismo no Brasil de Lilia Moritz Schwarcz. **Resultado:** Através dessa pesquisa nos foi possível promover uma interação entre a aprendizagem escolar, já que este assunto foi trabalhado nas oficinas e estimulou os alunos a terem a sua visão sobre o tema, após o que foi trabalhado; como também a desconstrução da passividade do negro escravizado se utilizando da capoeira como forma de persistência, fortalecimento e defendimento. **Conclusão:** Por meio desta aproximação do aluno com o assunto; o levará a compreensão de que este tema pode ser tratado de forma mais abrangente após a lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Palavras-chave: Capoeira, Negro, Identidade.

Introdução

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

Para iniciarmos a discursão do nosso artigo, é importante imaginarmos a formação da cultura brasileira unindo diversas culturas, povos, costumes, alimentação. Agora o europeu de frente com o que ele considera estranho, de conceitos hereges, esse é o palco onde o espetáculo da capoeira irá surgir e se desenrolar até a nossa contemporaneidade. Mas não podemos antes de continuar a discursão sobre o tema queremos antes propor começá-lo pela grande conquista, onde foi aberto o leque para ampliar as discursões falando sobre os conteúdos de história da África e cultura afro-brasileira, indígenas e etnias; estamos falando da lei que foi sancionada no dia 9 de janeiro de 2003, pelo presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, de:

"Art. 1o A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Dentro do projeto Político Pedagógico (PPP) a capoeira irar compor os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas pelos alunos e sociedade em geral. O meio de trabalho mais utilizado pelos professores é livro didático, que deverá compor os assuntos para serem estudados pelos alunos em sala de aula a partir desta lei; mas o que vemos é bem diferente, o assunto da Cultura Afro-Brasileira ainda é pouco trabalhado nas escolas, e pelos os livros. O nosso artigo foi proposto trabalharmos com este tema quando vimos a foto do livro didático História Global de Gilberto Cotrim utilizado pela Escola Estadual Severino Cabral em Campina Grande-PB, onde é realizado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que mostra apenas uma meia página sobre a capoeira:

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016



O professor quando se defronta com tipo de ocultação histórica, cabe ao mesmo complementar o que o livro não trata, dever-se ir além da superficialidade dos conteúdos trabalhados tradicionalmente pelo livro didático, existem várias táticas e estratégias para ser usar um material de abordagem no cotidiano da sala de aula. Para trabalhar o livro didático é necessário além dos conhecimentos historiográficos, também ter conhecimentos pedagógicos, é na verdade encontrar diferentes possibilidades para que o assunto seja exposto para os alunos. Este artigo passa por esse estranhamento ao livro e foi a partir disto que propomos melhor trabalharmos a capoeira em sala de aula.

É pertinente elencar o fato da capoeira ser uma arte marcial ainda do Brasil colônia, e que era de predominância africana, apenas os escravos que a praticavam como forma de resistência a todo o processo de escravidão ao qual estavam submetidos. Só por este viés sua prática foi proibida e impedida de ser realizada durante a escravidão e depois da mesma. Dessa forma entrou para a lista dos itens do racismo em nosso país a capoeira. A obra "Racismo no Brasil" de Lilia Moritz Schwarcz que trabalha essa construção, essa origem do racismo no nosso país desde seu início até os dias atuais, nos traz o conhecimento de que a palavra racismo é constituída na modernidade, mas seus atos e ações são do período colonial. Como também é moderno o tremo raça, Schwarcz analisa que "*O primeiro procedimento é destacar o caráter pseudocientífico do termo 'raça', mesmo porque seu sentido é diverso de lugar para lugar e suas determinações de caráter biológico têm efeito apenas relativo e estatístico. Não há como imputar à natureza o que é da ordem da cultura: a humanidade é uma, as culturas é que são plurais*"... "*a compreensão da mentalidade de uma época em que conviveram o liberalismo político e o racismo oriundo das várias escolas darwinistas*". (SCHWARCZ 2001). A letra de uma música cantada por Caetano Veloso e Gilberto Gil, Haiti discuti o QUASE: quase sempre tratamos do racismo, quase sempre falamos de discriminação social ou "racial", quase que a

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

população brasileira não se considera racista, quase não existe racismo aqui. Esse quase infelizmente vai continuar a existir porque:

Só pra mostrar aos outros quase pretos

(E são quase todos pretos)

E aos quase brancos pobres como pretos

Como é que pretos, pobres e mulatos

E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados...

Existe uma democracia racial? Basta olharmos para os processos contra o racismo, empregos que não aceitam negros em determinadas funções, ou que demonstrem sua africanidade; bem é melhor pararmos por aqui, porque essa resposta nos leva a outro artigo.

Para ligarmos os pontos e chegarmos a capoeira, passamos a entender que ela é uma expressão legítima das classes populares, é uma resistência contra a “ordem dominante”, como é pontuado por Muleka Mwewa em seu artigo. A roda de capoeira tornou-se cultura popular brasileira, mas para que chegasse a tal patamar foram necessários muitos anos de uma construção ideológica e de reconhecimento por parte do povo brasileiro. Esta aceitação passou a ser encarada como um costume, ou seja, quando foi introduzida na cultura nacional. Stuart Hall em seu livro *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* nos traz de forma bem marcante essa observação: *"as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, e até aqui visto como um sujeito unificado"*. (HALL 2006)

Capoeira veio originalmente de uma etnia africana, e só por isso já é o bastante para se ver a quantidade de tempo que ela passou para ser aceita pela sociedade em geral e se tornar como algo que identifica a nossa nação. Aqui é importante elencar, como Stuart chama a atenção, que as culturas são postas em uma interconexão; na realidade do nosso país a cultura europeia trazida pelo português se confrontou com a que já existia nas terras brasileira, o indígena; que por sua vez se confrontaram com os costumes africanos.

Atualmente o campo é infinito, é comum encontrar numa praça, em escolas, em apresentações para turistas etc, a roda de capoeira; que também se permitiu ser mudada; não

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

participa da roda apenas os negros como no lá início; mas quem gostar do "*paranauê*" pode participar, aprender a tocar os instrumento (atabaque, tambor, afoxé, agogó, berimbau, Caxixi, Cuíca) e todo gingado da execução da roda de capoeira; que hoje é vista mais como uma forma de expressão artística, devido ao movimento que os corpos fazem, durante a prática.

Olhar para a capoeira é compreender que a identidade sofre acomodações do tempo, conforme acontece as transformações pessoais, uma nova ideologia vai se formando e de fato a mudança ocorre; o sujeito passa a ser descentralizado do seu mundo social e cultura, a identidade não é mais aquela que era somente unificada e estável, se defini pela história e não no conceito biológico, como bem cita Hall, o que antes não se falava, não se via, não era encontrado ou lido; o tempo se encarrega de mudar e de realizar todas as operações matemáticas para incorporar a identidade do povo certos costumes.

Quando se fala da identidade do nosso povo um dos itens que nos faz lembrar é a capoeira, já agimos como se a mesma esteve gravada no nosso DNA. Esse pertencimento da cultura nacional brasileira forma a identidade de seu povo, não importando a classe social, o gênero, sua raça; é uma cultura transformada em identidade, como observa Hall, pertencendo a uma grande família nacional: "*as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação*". (HALL 2006) Em outro ponto Stuart continua nos chamado a atenção para o discurso das culturas nacionais e nos lembra que "*as culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passaso, a recuar defensivamente para aquele tempo perdido, quando a nação era 'grande'; são tentadas a restaurar as identidades passadas*". (op. cit)

Por uma mudança de mentalidades

“(...) é necessário estar de olhos voltados para o futuro e não para o passado. O passado serve para o reconhecimento de como foi a vida e para fundamentar nossas decisões de mudanças de rota. Contudo, a construção está para o futuro. Há que se está aberto para ele. Neste sentido, reconhecer o mundo contemporâneo, suas necessidades e suas aberturas para o futuro é importante. A compreensão e a assunção do presente em função do futuro é que nos darão a dimensão político-social do nosso ato de planejar”. (LUCKESI, 2008, p.115)

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

O Brasil é, por essência, um país de grande diversidade cultural. Apesar disso, é perceptível ainda, na difusão dos conteúdos escolares, a existência de muitas lacunas, no que se refere a transmissão de assuntos voltados à cultura afro-brasileira. Combater a negação histórica da importância desta população na construção da identidade do país, é portanto, vencer os silêncios produzidos ao longo das décadas.

Neste contexto, a produção deste trabalho ganhou corpo, visando evitar o erro, corriqueiramente reproduzido, de trabalhar a temática afro, apenas, durante a ocorrência de datas comemorativas, e, também, apontar para a necessidade de promoção de mudanças na compreensão do respeito às diferenças, buscando propor desta forma, uma revolução de mentalidades. Se faz importante destacar, que a abordagem do assunto, inicialmente, se pautou pela ordem seguida nos conteúdos apresentados no livro didático adotado pela escola, em que, mais à frente detalharemos.

Desta forma, as finalidades pretendidas em sala, se deram então, tendo em vista os seguintes objetivos: A) Possibilitar aos sujeitos/alunos, a construção de uma análise crítica, levando estes, a compreender a identidade negra atrelada a capoeira, não apenas como uma dança artística, mas também, como uma resistência na colônia, B) Mostrar que mesmo com a escravidão, através da resistência, as expressões culturais africanas não sucumbiram, elas permanecem presentes na formação da nossa brasilidade, C) Incitar no alunado, a percepção de que a sociedade brasileira, tende a colocar os negros, em lugar inferior, em relação aos demais grupos étnico-raciais e D) Instigar a criticidade destes alunos, por meio, da análise de imagens, que retratam os diversos ambientes, contextos e situações, vivenciadas pelos negros, durante o período colonial.

Este relato, portanto, procede do trabalho desempenhado, no projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) e tem por intuito expor alguns dos resultados alcançados durante nossa experiência em sala de aula. A realização do trabalho se deu com os alunos do segundo ano, do ensino médio, da Escola Estadual Severino Cabral em Campina Grande – PB, local onde funciona o programa.

Caminhos percorridos

Nossa intervenção na sala de aula, foi feita, a partir, da necessidade de se trabalhar a temática Escravidão e resistência, seguindo a ordem cronológica dos conteúdos apresentados no livro didático “História Global: Brasil e Geral” (Volume 2), de Gilberto Cotrim, que é adotado

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

pelo colégio. Foi então, durante a realização do planejamento da aula a ser ministrada, que após uma análise detalhada do capítulo 4 do livro (traz a discussão do tema), que observamos a carência de se introduzir novos elementos simbólicos e diálogos que não só produzissem uma melhor dinâmica e interação durante a transmissão do conteúdo, mais principalmente passasse aos adolescentes, que é um público mais enérgico, voltado ao imediatismo, as formas de ação, por meio da resistência, que foram utilizadas pelos negros para superar as interferências e dissabores que lhes foram impostos no período colonial, no Brasil.

O livro em questão, foi portanto, utilizado como ponto de partida para a nossa introdução do assunto ao alunado, entretanto, por decisão, dividimos antes, o processo de explanação em sala de aula em dois momentos. Desta forma, nos debruçamos na preparação de duas oficinas que nos proporcionaram fugir da repetição ao ensino conteudista. Do livro didático, se faz importante destacar, o usamos apenas na execução da primeira oficina; a crítica que se faz a este é a constatação de sua rápida explanação no que se refere ao tratamento dado ao tema resistência (foco dado por nossa abordagem para uma melhor compreensão do outro e desmistificação da figura dos negros como sujeitos passivos e vitimizados). Nosso desapontamento se configurou principalmente pelo fato de no livro, sobre a capoeira (também por nós trabalhada e enfatizada), ocorreu apenas a utilização de uma imagem, seguida de legenda, mas que seu significado não foi nem se quer exposto, ou seja, a figura foi meramente publicada de forma solta.

As oficinas preparadas foram executadas da seguinte forma: na primeira trabalhamos, fazendo um panorama geral, dos conteúdos - tráfico negreiro e o comércio de vidas humanas; e também, os distintos grupos étnicos (dando enfoque a diversidade cultural existente) e as suas condições de vida no período colonial. Já na segunda oficina, foram apresentados os assuntos – a luta dos negros através das várias formas de resistência; a capoeira como luta de resistência a violência; proibição da capoeira prevista pelo código penal; capoeira como importante instrumento de resistência cultural e capoeira como bem da cultura imaterial do Brasil.

Durante os relatos e explicações feitas em sala, executamos a exibição de inúmeras fotos (em slides e em folhas de ofício), previamente escolhidas, para ilustrar e aguçar a percepção e senso crítico do alunado. No último momento, solicitamos dos alunos, a produção de um texto/retrato, sobre o que eles absorveram dos assuntos trabalhados, e das imagens analisadas.

Resultados e discussão

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

Com base nas oficinas realizadas e diante do que já foi relatado, iremos descrever algumas das conclusões a que chegamos após as observações feitas em sala. Durante todo o processo de aula expositiva dialogada, se manteve constante, a interferência de boa parte dos alunos, que fizeram questionamentos, confrontaram as práticas do período colonial com as existentes na atualidade, e se mostraram surpresos pelo conhecimento da capoeira enquanto símbolo de identidade e luta de resistência.

A nossa compreensão a respeito da recepção ao conteúdo trabalhado, entretanto, se estabeleceu, não só pela interação ocorrida em sala, mas também, mediante a análise das produções dos textos/relatos produzidos. Sem dúvidas, o enfoque dado pelos alunos, em suas narrativas giraram em torno da capacidade de resistência desempenhada pelos negros. Ressaltamos, porém, que os pontos negativos encontrados, foram relativos a escrita fora da norma culta e os constantes erros ortográficos; em alguns casos notamos a dificuldade de construção, de forma lógica, da sequência de parágrafos, todavia, no final, não foram prejudicados o entendimento dos argumentos.

Uma observação que consideramos importante destacar, ainda, é um fato ocorrido durante a última oficina, quando, ao fazerem a análise detalhada das imagens exibidas, os relatos dos alunos, de um modo geral, se deram em explicitar o quanto eram belos os corpos e as fisionomias dos negros e das negras presentes nas figuras.

Considerações finais

As experiências vivenciadas em sala de aula resultam em alicerces para a formação do professor. Ter a oportunidade e a ação, de ousar, em abordar novas perspectivas de vida e identidades dentro da sala de aula, é portanto, mostrar ao outro, a possibilidade de enxergar o diferente que está a sua frente. Lançar novos conhecimentos no terreno da escola, a respeito daquele que se encontra a nossa volta, é promover a visão das novas cores que nos cercam. É nesse contexto, que a nosso trabalho realizado na Escola Estadual Severino Cabral, se encaminha na esperança, de no ensino, trilhar novos passos, deixando não só as pegadas do conhecimento implantas nos corações e mentes de nossos alunos, mas também, de gerar o desejo, que estes tenham aprendido a plantar flores por onde passarem, mesmo que estas possuam espinhos e cheguem a furar-lhes as mãos.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

Esperamos, então, que há uns poucos anos mais, através do ensino, possamos extinguir os silêncios produzidos, pelas formas de até, então, existentes de se contar história, e que reconheçamos e possamos dar voz aqueles que representam a nossa brasilidade.

Neste sentido, com as experiências descritas neste trabalho, esperamos de alguma forma contribuir para uma prática docente crítica e construtiva, permeada pelo comprometimento em diminuir as desigualdades sociais existentes em nosso país.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SCHWAECZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

OLIVEIRA, Margarida Maria dias de. ; STARMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). **O livro didático de História: Políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFERN, 2007. 208 p. : il.

LISBOA, Magno da Nóbrega; SILVA, Alcione Ferreira da. **AS CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**.

LIMA e MONTENEGRO, Leonora Cavalcante e José Benjamin. **Economia açucareira e a sua modernização na obra Usina de José Lins do Rego**. Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH –PB, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 115.

MWEWA, Muleka. VAZ, Alexandre Fernandez. **CORPOS, CULTURA, PARADOXOS: OBSERVAÇÕES SOBRE O JOGO DE CAPOEIRA**.

REGO, José Lins do. **Usina**. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.